

ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

ENTREVISTA COM O PROFESSOR PAULO FERNANDO DE ARAÚJO LAGO

GEOSUL — Quando veio para Santa Catarina e como se integrou na Geografia Catarinense?

Prof. Paulo Lago — Como estamos entre amigos, sinto-me à vontade para dizer que foi, exatamente, por influência de um amigo, aqui presente, que vim para Santa Catarina, início de 1958, para começar um encontro com sua Geografia.

Já conhecia Carlos Augusto, quando ele era geógrafo no Conselho Nacional de Geografia onde eu, ainda estudante na Faculdade Nacional de Filosofia, atuava como estagiário. Graduei-me em 1956. Neste ano, Carlos Augusto atendia ao chamamento do Prof. João Dias da Silveira para se incorporar na nascente Faculdade Catarinense de Filosofia. O saudoso catedrático de Geografia Física da Faculdade Paulista de Filosofia fora encarregado pelo Desembargador Henrique da Silva Fontes de organizar o Departamento de Geografia.

GEOSUL — Você veio em 1956?

*Entrevista com Paulo Fernando de Araújo Lago, Professor Titular, Doutor, integrante do Departamento de Geociências da UFSC. Aposentado, após 32 anos de magistério, mantém-se vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Geografia.

**Participaram desta entrevista os professores Celito José Israel, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro e César Augusto Zeferino, realizada em outubro de 1993.

Prof. Paulo Lago — Não, neste ano eu deixava o Rio de Janeiro para lecionar em Valença, terra natal, num colégio que iniciava um regime de tempo integral. Mas, já sabia, pelo Carlos Augusto, sobre a possibilidade de participar da experiência no ensino superior, na Faculdade Catarinense de Filosofia.

Fiquei dois anos em Valença (1956 e 1957), empolgado com o citado regime de atividade escolar que se aproximava do que hoje se denomina por educação de atenção integral, observado em estabelecimentos como os CIEPs e CAICs. Não resisti, porém, ao canto da sereia do ensino superior. A gratificante experiência em minha pequena cidade não me abria condições para desenvolver atividades de pesquisa. Optei por Santa Catarina, ainda mais pelo fato de que haveria possibilidade de me incluir, também, no Departamento Estadual de Geografia e Cartografia e teria a amizade e orientação de Carlos Augusto, a quem eu já admirava nos tempos do CNG.

GEOSUL — Assim que chegou, o que fez e qual sua reação inicial?

Prof. Paulo Lago. — Cheguei a Florianópolis, no terceiro dia de Carnaval do ano de 1958, como uma espécie de imigrante cheio de incertezas. Achei muito familiar o ambiente florianopolitano, pelo menos o momento carnavalesco que encontrei, embora julgasse que a Capital catarinense fosse de porte menos modesto. Dias depois iniciei os trabalhos na Faculdade Catarinense de Filosofia, quase simultaneamente às atividades no Departamento Estadual de Geografia e Cartografia.

GEOSUL — Tem sido praxe nas entrevistas da GEOSUL que o entrevistado diga alguma coisa sobre sua infância e juventude. No seu caso, há relação entre estas fases de vida com a que você tem levado em Santa Catarina?

Prof. Paulo Lago. — Bem, eu nasci em Valença, janeiro de 31, cidade localizada numa subbacia do Paraíba do Sul, bem próxima de Vassouras, um dos símbolos da aristocracia cafeeira do século XIX. Mais do que Vassouras, a economia do município de Valença se marcou pelas indústrias de fiação, tecelagem e vestuários e se integrou ao que se convencionou como bacia leiteira do Rio de Janeiro. A criação extensiva de gado, também para corte, aproveitava as terras bastante danificadas pelos antigos cafezais, comandados por remanescentes de uma aristocracia rural, proprietários de portentosas residências, sedes de fazendas. Muitas estão em ruínas, outras são utilizadas como cenários de novelas da Globo ou como residências de lazer de empresários residentes no centro metropolitano do Rio de Janeiro.

Quando estava com meus sete anos de idade, meu pai, ferroviário da E.F. Central do Brasil, foi designado para a chefia de uma estação em plena área rural, denominada Chacrinha, ao longo do ramal auxiliar, de bitola estreita, que seguia o roteiro do avanço cafeicultor para as terras altas da bacia do Paraíba.

Estudei até a terceira série do Primário numa escola rural, multisseriada, onidocente, numa sala localizada na própria casa destinada ao Agente da ferrovia. Para entrar em minha casa, era pelos fundos ou pela sala de aula, quando inativada. Ao terminar a terceira série, a escola não ia além, tive que estudar o restante do Primário, 4ª e 5ª séries, num Grupo Escolar da cidade, para o que fazia um percurso, a pé, de 5 quilômetros em cada trajeto.

O ambiente rural era, contudo, muito rico para mim, principalmente, para minha mãe, amante da natureza e da gente humilde. Com ela aprendi a gostar de atividades ligadas ao manejo de plantas, terra e animais. Tínhamos uma horta de fazer inveja.

Numa vasta área, meus pais eram, praticamente, os únicos letrados adultos, à exceção dos fazendeiros absenteístas. Diariamente, o "trem das dez" lhes trazia o jornal. Aprendi a gostar de ler em função do entusiasmo que meus pais emprestavam à leitura de jornal, naqueles tempos que se desenrolava a Segunda Guerra Mundial.

Além deste estímulo à leitura gostava de utilizar a velha máquina de escrever que meu pai possuía na estação. Aprendi seus segredos repassando temas que lia, idéias que me sacudiam. Quando ingressei no Ginásio, acho que possuía alguma habilidade na técnica literária. Um professor de Português, seguidamente, ordenava que escrevesse um tema — composição — no quadro-negro, e mandava os coleguinhas copiarem. Era, para ele, uma espécie de "modelo". Sentia-me um tanto lisonjeado e, ao mesmo tempo, achava um tormento.

Creio que tudo isso se relacionou com minhas aderências posteriores, produzindo jornal da escola, escrevendo crônicas sobre futebol, coordenando atividades no chamado Serviço de Alfo-Falante, coisa que havia em tôdas as localidades, antes do rádio de pilha. Quando foi fundada uma emissora radiofônica local, lá estava eu, microfone na mão, ou enviando crônicas para serem divulgadas.

Tudo isso refiz, quando retornei à cidade, como professor. Fundei o jornal do Colégio, que tratava muito de questões ambientais, elaborei programas educativos pela emissora local, levando muitos alunos para representações diversas, como recitais, execução musical, narração, até mesmo em técnicas de contar piadas. Levava meus alunos.

GEOSUL — Falando em questão ambiental, como ela estava presente em sua infância e adolescência e juventude?

Prof. Paulo Lago — Estava presente em mim, desde criança, quando assistia ao desaparecimento dos cafezais e o surgimento de pastagens pobres no meio rural que vivi. Eu e meus coleguinhas, filhos de rurícolas, tínhamos alguma noção de "desequilíbrio ecológico". Sabíamos que as queimadas e desmatamentos acabavam com os passarinhos que "caçávamos para comer" e que prendíamos nas gaiolas para cantarem. Sabíamos que os rios estavam ficando mais barrentos, bons para se pescar bagres, mas ruins para acarás e lambaris.

Quando retornei do Rio de Janeiro, após contato com professores e geógrafos do CNG, já estava direcionado para a preocupação ambiental.

A imagem da sub-bacia do rio das Flores, do sistema do Paraíba, me pareceu muito mais pobre do que nos tempos de minha infância e adolescência. Senti mais a desolação que, antes, estava mesclada pela noção de riqueza das estruturas ambientais. Antes ainda havia peixes nos riachos, passarinhos nas árvores, alguns cafezais nas encostas e matas exuberantes nas cumiadas dos morros. Senti a agudez do "era verde meu vale".

GEOSUL — Santa Catarina lhe pareceu diferente?

Prof. Paulo Lago — Em Santa Catarina me deparei com a densa cobertura vegetal litorânea que vira desaparecer nas encostas fluminenses. Trocando inquietações com um pernambucano "catarinizado", Theobaldo Costa Jamundá, herdeiro pobre de senhores de engenhos açucareiros, senti que ele estava igualmente apreensivo, pois assistira em sua infância o mesmo processo desolador nas áreas úmidas do Nordeste. E, ficávamos a imaginar que poderia ocorrer com as muitas extensões de verdes e luxuriosas paisagens de Santa Catarina.

Creio que estas preocupações foram a ponte que me orientou, bem mais cedo do que muitos, na direção da sensibilidade do geógrafo ecologista, o que me manteve até hoje, marcando monografias, artigos e livros que tenho escrito.

GEOSUL — Por onde, exatamente, iniciou aqui, a preocupação ecológica?

Prof. Paulo Lago — Quando iniciamos um estudo sobre a pesca litorânea, imediatamente fui empurrado para ações no sentido de se orientar a pesca — questão de mortalidade — para uma questão de renovação de recursos. Sentia a extrema necessidade de apoio institucional, sobretudo da Universidade nascente, para se desenvolver pesquisas de maricultura.

Creio que minha participação foi importante, pois sempre busquei espaços no sistema político-administrativo, encaminhando projetos, reivindicações, buscando, enfim, engajamentos. Resultados efetivos, aí estão, graças não a mim, mas a muitos que abraçaram o desafio de pesquisas pela renovação de recursos marinhos, como Carlos Rogério Polli, Edeimar Andreatta, José Bosco Rodrigues, Ernesto Tremmel e muitos outros. A mitilicultura e a ostreicultura são fatos e grandes promessas em Santa Catarina, sobretudo pelo envolvimento de pequenos pescadores.

É curioso que, nos açudes das fazendas onde pescava, em criança, me intrigava com o fato de que nós apenas tirávamos recursos, sem repor, diferentemente de como fazíamos em nossa área de horticultura. Esta reflexão me leva a concordar com conhecido escritor que afirma "*ser preciso viver muito tempo para retornar à infância*".

GEOSUL — Considerando sua trajetória da infância e sua formação universitária, como chegou ao resultado da Geografia Ecológica? Teve alguma influência de seus mestres?

Prof. Paulo Lago — Ao me ingressar na Faculdade de Filosofia buscava mais a História. Um acidente me levou mais à Geografia. Do outro lado do prédio da Faculdade estava o Conselho Nacional de Geografia, que oferecia oportunidades de estágio remunerado aos estudantes que faziam o curso que era de Geografia e História. Como estudante sem recursos, atravessei a rua e fui aceito naquela instituição repleta de grandes geógrafos e onde conheci Carlos Augusto Monteiro.

Naqueles primeiros anos de Faculdade, fazia idéia muito equivocada de Geografia, produto que era do Ensino Secundário, dominado por professores não titulados, que tratavam a Geografia como tedioso amontoado de nomes de "acidentes", de extensão de rios, altura de montanhas e coisas isoladas. Era, pois, de uma geração anterior ao ensino da Geografia como ciência, de alcance muito além da descritividade memorizativa.

No ambiente da Faculdade e no ambiente do Conselho Nacional de Geografia, convivendo com pesquisadores, autores de obras geográficas, o gosto pela Geografia se tornou irresistível.

GEOSUL — E, como foi seu interesse pelo conhecimento aplicado da Geografia?

Prof. Paulo Lago — Primeiramente, creio que o contato com pessoas que "faziam Geografia" me deu segurança quanto à possibilidade que tinha para fazer o mesmo. Vim para Santa Catarina, muito jovem, convencido de que, um dia, atingiria o nível daqueles a quem admirava. Na medida que sentia

dominar algum conhecimento, sempre tendia a aplicá-lo, a buscar sua utilidade. A leitura de filósofos como Bertrand Russell, quando falava de ornamentalismo e utilitarismo me influenciou bastante. A ideologia utilitarista de ciência se ajustava muito à minha maneira de viver, fazendo.

GEOSUL — *Paulo, outra coisa interessante em sua vida parece ter sido a manutenção do paralelismo entre a preocupação com a Geografia aplicada, principalmente em relação à questão ambiental, no exercício universitário, com a atividade educativa no nível colegial. Poderá nos falar a respeito?*

Prof. Paulo Lago — Creio que o magistério, sem a preocupação de pesquisa universitária, apenas como função educativa, me deu sempre a sensação gratificante de um exército utilitarista. Começou muito cedo, na fase ginásial, quando iniciei ações de alfabetização de adultos, na área rural onde vivia. Os resultados foram medíocres, pois não possuía orientação pedagógica. Imaginava fazer o que a professora onidocente que tivera, fazia. De qualquer modo, sentia o entusiasmo daqueles chefes de família, servidores braçais da ferrovia e alguns caboclos, estudando à noite, tentando chegar ao mundo das letras.

No Rio de Janeiro, participei da fase pioneira da Campanha Nacional de Educandário Gratuito, cuja clientela era de trabalhadores. Ensinava Inglês, sem saber quase nada desta língua, apenas pelo fato de que não havia quem o fizesse, pois impunha um sacrifício considerável, à vista da simbólica remuneração.

Em Valença, em virtude do modelo de ensino de atendimento integral, gostei de realizar muitas atividades extracurriculares, como a produção de jornal escolar, programas educativos radiofônicos, coordenação de peças teatrais, de práticas esportivas, cursos de extensão, inclusive de orientação sexual para estudantes secundaristas, juntamente com um professor de Biologia. Isto me trouxe grande constrangimento e desânimo, em virtude de reações conservadoras do clero local. Esta experiência publiquei na Revista Brasileira, pois foi muito interessante, principalmente considerando-se a época (1957) em que falar de sexo era ainda um tabu.

Em suma, a atividade educativa no nível médio me dava sempre a impressão de utilitarismo, além do fato de que se lidava com maior quantidade de alunos.

GEOSUL — *E, em Santa Catarina, como se deu o ingresso de uma geografia aplicada?*

Prof. Paulo Lago — O lado mais acadêmico foi abrindo espaço para o sentido aplicativo, em virtude de oportunidades surgidas, quando era muito escasso o quadro de pessoal técnico no Estado. Uma das oportunidades foi a pesquisa sobre comunidades pesqueiras, que procurava analisar o potencial dos pescadores artesanais para competirem com as mudanças da política setorial, que beneficiava apenas os empresários. Esta pesquisa sustentou a necessidade de se redirecionar esforços para consolidar e melhorar a pesca artesanal, inclusive com a perspectiva de conquistas em aqüicultura. A ACARPESC nasceu daí, graças ao notável esforço de José Ubirajara Timm, nos tempos do governo Ivo Silveira.

Outra oportunidade foi a seqüência de monografias encomendada pelo Conselho do Desenvolvimento do Extremo Sul, visando diagnosticar ramos de atividades para abertura de linhas de financiamento pelo BRDE.

Muitos estudantes, principalmente do curso de Geografia, foram meus auxiliares, como Celito José Israel, Augusto Zeferino, Agnaldo Gouvêa, Paulo Duarte e outros.

As monografias foram diversas, com publicação para uso reservado, sobre turismo, reflorestamento, indústrias cerâmicas, alimentares, sobre engenhos farinheiros e fecularias, etc... Nos meados da década de 70 os trabalhos foram mais em relação à questão de Planos Diretores Urbanos. Participei do Plano Diretor de Florianópolis, sob coordenação de Felipe da Gama d'Eça, de Rio do Sul, sob o comando de Jorge Wilhem. Chegamos a criar a empresa *Exame*, eu, Marcílio Dias dos Santos, Odair Gersino da Silva e Clodorico Moreira, e atuamos de modo importante na elaboração do Plano Diretor de Itajaí e no Plano de Ação de Itapiranga.

Até início dos anos 80, a questão urbana continuou nos envolvendo, principalmente pela função que passamos a exercer na coordenação do Convênio SUDESUL/UFSC. Graças às ações desenvolvidas, coordenamos o estudo sobre *Florianópolis e a Área de Conurbação* e foi proposta a criação do IPUF, principalmente pela participação de Octávio Franco Fortes.

GEOSUL — *Seu trânsito em vários campos de atividades foi tranqüilo?*

Prof. Paulo Lago — Estas incursões em vários setores trazia algumas confusões. Era identificado como agrônomo, ora como engenheiro florestal, ora como urbanista, ora como economista. Era apenas um geógrafo que penetrava fronteiras inexistentes do conhecimento, fronteiras que, mais tarde, foram sendo firmemente estabelecidas pelo corporativismo.

Integrei uma equipe para atender ao governo de Trinidad Tobago, para orientar a organização pesqueira e examinar possibilidades de implantação de

experiências aquicultoras. E, mais tarde fui contemplado pelo governo japonês para estudar sua avançadíssima maricultura. Imaginavam que fosse um biólogo aquicultor; já que havia participado de muitos seminários internacionais sobre a questão. Como quase ninguém sabe o que vem a ser, exatamente, um geógrafo, o risco de ser confundido com outros profissionais é muito grande. Hoje, o corporativismo está estreitando espaços para a função de geógrafos, o que é brutal contradição, pois tanto se proclama a validade da interdisciplinaridade. A Geografia é eminentemente interdisciplinar.

GEOSUL — *Prof. Paulo, poderia traçar um paralelo entre a Geografia nos tempos da Faculdade Catarinense e a Geografia dos dias atuais, na Universidade, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas?*

Prof. Paulo Lago — A proposta de faculdades de filosofia, ciências e letras remonta aos educadores integrantes da corrente da Escola Ativa, orientada para o suprimento de profissionais melhor qualificados para o magistério. Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, entre outros, lideravam o movimento reformista da educação no Brasil que, nos anos 30 e 40, expressava forte demanda pelo Ensino Secundário (Normal e os ciclos ginásial e colegial). Em centros maiores, como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre, nasceram as primeiras faculdades. Por muito tempo, a maioria dos professores de Ensino Secundário se originava do recrutamento de profissionais liberais, autorizados para o exercício do magistério. Das faculdades de filosofia começaram a sair os *licenciados* e, rapidamente, passaram a dominar o quadro do magistério, na medida em que centros menores do que os citados implantavam suas faculdades, sempre obedecendo aos cursos de menor custo.

No início, a Faculdade Catarinense de Filosofia parecia desligada de uma demanda de professores. O número de matriculados em seus poucos cursos era reduzido e somente por residentes em Florianópolis. Eram alunos que exerciam profissões, no magistério, inclusive. Enquanto isso, as necessidades de docentes no Estado eram supridas, esmagadoramente, por profissionais liberais ou por aqueles que prestavam o chamado *Exame de Suficiência*, uma espécie de Supletivo destinado a credenciar, mais do que qualificar, pessoas para o ensino.

Em razão da escolha de professores afeiçoados à pesquisa geográfica ou ávidos para tanto, o curso de Geografia na antiga Faculdade de Filosofia já nasceu com nítido endereço a enfatizar o *bacharelado*, o horizonte da pesquisa.

Em verdade, jamais perdeu este objetivo, tanto é que caminhou para a pós-graduação, primeiramente para a especialização, em Desenvolvimento

Urbano e Regional, sob a coordenação de Hélio Romito de Almeida, e em Utilização e Conservação de Recursos Naturais, sob minha coordenação. As duas áreas do mestrado têm estas raízes.

GEOSUL — *Pode-se, então, reconhecer diferentes fases de mudanças de orientação do curso de Geografia?*

Prof. Paulo Lago — Eu diria que as primeiras turmas representaram a geração de futuros e imediatos ocupantes de funções docentes no ensino superior. Dela fizeram parte Victor Peluso, Carlos Büchele, Lúcia Freysleben, Marly Mira, Marlene Prates, Olga Cruz, Mariléia Cabral, Judite Manzolli, Geresa Duarte.

Na 2ª geração de diplomados já se evidenciava um desdobramento quanto aos seus destinos. Uns continuaram se dirigindo ao magistério superior e à pesquisa e outros buscaram o magistério secundário e ocupações em setores de planejamento urbano. Dela fazem parte, Celito Israel, Augusto Zeferino, Paulo Duarte, Agnaldo Gouvêa, Mariléia Caruso, Ruth Rauh Souza, Maria José Pompílio, todos no ensino superior e muitos para outras ocupações, não só de magistério secundário.

Finalmente, a atual geração ingressa no curso de graduação, convivendo com ex-alunos, daqui e de outras regiões, matriculados na pós-graduação, o que dá à Geografia da Universidade um caráter cosmopolita, tanto quanto as origens dos alunos quanto a professores de outras instituições que mais densamente passaram a contribuir.

GEOSUL — *E quanto ao suprimento de recursos humanos para o magistério de 1º e de 2º Graus, a Geografia da UFSC está cumprindo seu papel?*

Prof. Paulo Lago — Apenas modestamente, por razões diversas, como o fato da oferta de cursos de graduação em muitas cidades catarinenses e pelo fato de que as inadequadas condições salariais não são atrativas. Há falta de bons professores de Geografia nas redes estaduais e municipais de ensino Fundamental e Médio.

GEOSUL — *E quanto à qualidade dos diplomados?*

Prof. Paulo Lago — A medida da qualidade, antes restrita à graduação, passa a ser mais em função da pós-graduação. A quantidade de excelentes dissertações oferece bem uma idéia de evolução da Geografia, mesmo que a maioria destas contribuições não tenha sido publicada.

Mas, o fato de se manter uma revista especializada, a presença de alunos em seminários, congressos, comunicando trabalhos de pesquisa, atesta

um processo de expansão de competência que, antes, era restrita a um e outro professor mais antigo. Diria, portanto, que a fase atual é de muita fecundidade.

GEOSUL — *Muitos escreveram bastante sobre a Geografia de Santa Catarina, mas com certa especialização temática. No seu caso, há uma produção muito diferenciada, tanto quanto aos temas quanto às formas, em artigos, monografias, projetos de desenvolvimento econômico e planejamento, e em livros. Por que esta diferença?*

Prof. Paulo Lago — Em primeiro, creio que pelo fato de que gosto de escrever, tanto quanto há os que gostam de compor, outros de pintar, outros de esculpir. Meu espectro de interesse é muito amplo, o que me leva a ler, com avidez, obras de assuntos os mais diversos. A velha máquina de escrever de meu pai sempre esteve comigo, sob formas cada vez mais aperfeiçoadas, até o teclado do computador. Acho que passei a maior parte de minha vida, sentado. Parcela considerável foi dispensada em *pareceres*, em virtude de muitas funções que ocupei e tenho ocupado.

Quanto aos temas diferenciados que abordei, na condição de geógrafo, creio se dever ao fato da continuidade de minha vida em Santa Catarina. Trinta e dois anos de atividades contínuas e incessantes é tempo considerável. Ademais, Santa Catarina não possuía, tempos atrás, muitos competentes profissionais que tem atualmente, em todos os campos de conhecimentos afins aos geógrafos. Oportunidades sobravam para qualquer um que se dispusesse a estudar questões sobre a pesca, reflorestamento, atividades industriais, sobre sistemas e uso de terra agrícola, urbanização, enfim, sobre transformações e impactos ambientais.

GEOSUL — *Embora sua produção seja diferenciada quanto aos temas, o tema central é Santa Catarina. Isto se deve a uma especial afeição, a uma integração total com Santa Catarina, ou por dever de ofício?*

Prof. Paulo Lago — Deve-se a uma combinação destes fatos. Santa Catarina encanta a todos que o conhecem. Se os turistas argentinos admitem que é a oitava maravilha do mundo, os geógrafos terão muito mais razões para se entusiasmar com sua terra e sua gente.

GEOSUL — *Insistindo na indagação anterior, o que mais especificamente lhe amarrou tão profundamente a Santa Catarina?*

Prof. Paulo Lago — Creio que as muitas peculiaridades, as curiosas revelações que encontramos em toda parte. A exemplo, menciono encontros com um simples colono, que fazia experimentos com 18 castas de uva, com um velho pescador que narrava suas peripécias como um Hemingway, com um criador de borboletas que exportava estas ornamentais figuras para o mundo inteiro, com um agricultor japonês que sabia sobre solos como um pedólogo de laboratório, com um velho italiano oestino, fabricante de cordas de violino segundo processos tradicionais. Aprendi muito e a gostar de pessoas humildes, como aprendi muito com um Raulino Reitz, um Miguel Klein, um Victor Peluso e tantos e tantos ilustres catarinenses. Não é em todo lugar que temos o privilégio de esbarrar, rotineiramente, em pessoas com imensa lucidez, como aqui em Santa Catarina. O catarinense, com todas suas diferenciações de origem, possui extraordinária qualidade inventiva. Ele reflete, até hoje, o legado cultural dos imigrantes.

GEOSUL — *Sob que circunstâncias nasceu o curso de especialização em recursos naturais, uma das bases do nosso curso de Mestrado em Geografia, em sua proposta interdisciplinar?*

Prof. Paulo Lago — Muito antes da Ecologia se firmar como uma proposta holística, interdisciplinar, a Geografia já o fazia, embora nem todos percebessem assim. Como ciência de correlações, a Geografia tendeu a estimular contribuições no sentido da especialização, a partir de sua "divisão" em Física e Humana. Este separatismo começou a produzir a "crise da Geografia", quanto ao seu objeto, ao seu campo de atuação.

A questão ecológica, em sua dimensão interrelacionável, esbarrava no que chamo de princípio de compartimentação científica, que se opõe ao conhecimento unificado.

Particularmente, já havia desenvolvido muitas atividades de pesquisas que exigiam componentes de conhecimento fora do alcance dos geógrafos. Mas, ao mesmo tempo, sentia que o geógrafo era essencial, por sua competência em sentir interrelações dos fatos.

As rígidas paredes do corporativismo teriam que ser rompidas numa estrutura universitária "departamentalizada", isto é, sustentadora do princípio da compartimentação, existente também no contexto administrativo. O exemplo do jacaré é muito sugestivo. Se estivesse dentro d'água era questão do DNAE. Se estivesse fora era questão da SEMA. Se ficasse com a cauda dentro d'água e a cabeça em terra, surgiria um conflito de jurisdição.

Nossa organização administrativa e a estrutura universitária herdaram a cultura compartimentada muito exaltada pela influência portuguesa. Senti, agudamente, esta ausência de entendimento, quando encaminhava projetos

para zoneamento do litoral, tendo em vista a questão da maricultura. A antiga SUDEPE me empurrava para o Ministério do Interior e este me empurrava para aquela, formando-se um impasse, um nó Górdio para se avançar ações.

Certa vez, a SUDESUL entendeu ser necessário construir a "barragem do Perrixil", para dessalinizar a lagoa do Mirim, e abastecer a cidade de Imbituba, prestes a ter o complexo carboquímico. Alegava que não haveria prejuízo no sistema lagunar (Mirim, Imarui e Santo Antonio) e que a obra se devia ao fato de ser a água um fator limitante para o grande projeto carboquímico. Por mais que contestasse, não era ouvido e cada vez mais ficava como espécie de inimigo da SUDESUL, onde cumpria funções na coordenadoria de convênios que mantinha com a UFSC.

Sabia que o extinto DNOS, também do MINTER, pensava como eu, que seria possível captar água potável do rio d'Una, sem se sacrificar o sistema lagunar que, mal ou bem, era um modo de produção que sustentava mais de 50 mil pescadores e familiares.

Mas, foi somente com um projeto de pesquisa, com apoio do DNOS e com a participação de professores de diversos departamentos da UFSC, que seria possível reverter a tendência. Tal foi feito e conseguimos impedir a barragem, demonstrando que havia interdependência entre os corpos lagunares do sistema. O seccionamento reduziria a circulação biológica de tal modo que, em pouco tempo, não haveria recursos para a pesca.

Este fato foi suficiente para se fortalecer a validade de ações interdisciplinares, mas era preciso que se institucionalizasse a formação de pessoas com a visão holística, que fossem rompidas rígidas paredes da departamentalização.

Destas convicções à elaboração do curso de especialização e deste à do mestrado foi um percurso burocrático bastante longo, com a participação de outros professores, como Odair Gersino da Silva, mas sempre na direção do valor da interdisciplinaridade.

GEOSUL — Prof. Paulo, como vê o nível da consciência ecológica entre os rotulados detentores do poder econômico "e qual sua opinião sobre viabilidade do chamado modelo de desenvolvimento sustentável"?

Prof. Paulo Lago — Conheço muitos empresários que reagem bem a medidas de redução de impactos ambientais, mesmo quando implica em investimentos adicionais. Outros parecem ser indiferentes. A maioria não sabe bem o que fazer para adotar procedimentos compreendidos nos preceitos da sustentabilidade. É claro que as contradições do desenvolvimento atingem mais frontalmente as indústrias, as que processam recursos não renováveis, as que despejam resíduos em grande quantidade nos corpos líquidos, na

atmosfera e no solo. A proposta de uma neo-economia tem mais em vista a máxima redução da perda das qualidades das bases de sustentação, o solo agrícola, a água de consumo orgânico e como meio de recursos vivos, as massas arbóreas, a biodiversidade vegetal e animal. As perspectivas de racionalização de uso e o emprego de tecnologias adequadas são maiores nas atividades diretamente ligadas às bases ecológicas do que em relação ao processamento de matérias primas. Em outros termos, é mais improvável o desenvolvimento auto-sustentável nas atividades industriais, em geral, do que nas primárias. Formas regulamentadoras podem conter processos de aviltamento, mas nos setores industriais apenas tem sido possível reduzir e não eliminar, a magnitude de impactos.

GEOSUL — A Universidade tem trazido contribuição para esta proposta?

Prof. Paulo Lago — Há muitos professores que operam neste sentido, orientando, por exemplo, seus alunos de agronomia para ações que valorizem a chamada agricultura bioestrutural, em oposição às técnicas de abusivo emprego de fertilizantes químicos. Há outros que postulam pela relação homem/mar sob o amparo de renovação de recursos e há, muitos, que lutam pela preservação de *santuários ecológicos*, como os mangues, as coberturas florestais. Há, também, os que se esperneiam por qualquer coisa que acham ser contra a natureza, mas não acrescentam nada, a não ser o descrédito pelos postulados da sustentabilidade, que não negam inevitáveis contradições do desenvolvimento, mesmo numa neo-economia que incorpore custos sociais e ambientais.

GEOSUL — E os geógrafos, têm contribuições a dar no sentido da proposta do desenvolvimento sustentável?

Prof. Paulo Lago — Têm. Eles são sensíveis à visão globalizada dos fatos interatuantes, raciocinam segundo variáveis, podendo avaliar com mais equilíbrio os prós e contras do desenvolvimento, além de se afeiçoarem às técnicas de mapeamento que, representando complexidades, permitem melhor compreensão e avaliação das mesmas.